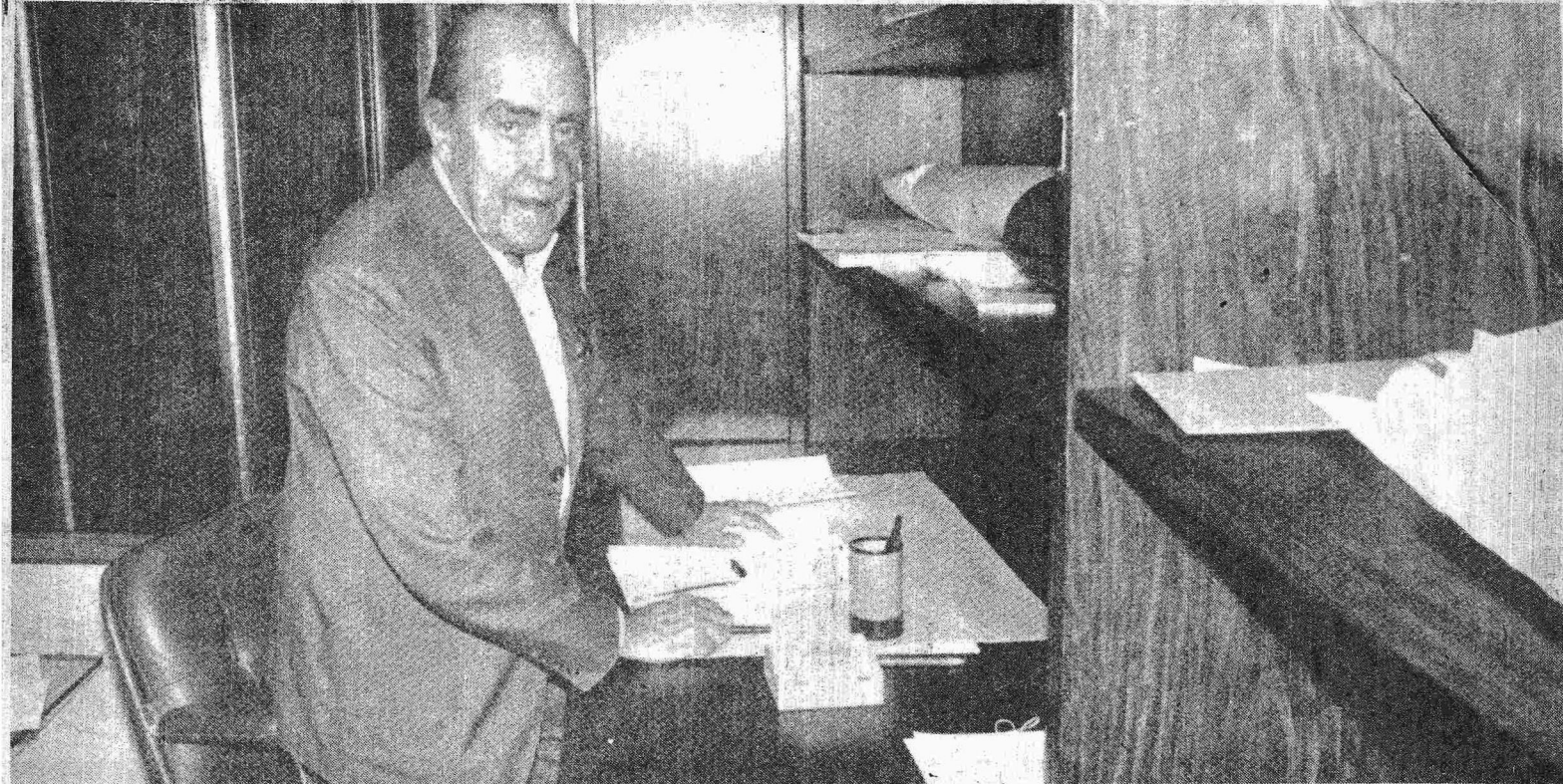




Fechado em sua "baia", onde ninguém entra sem convite, Niemeyer só fala de arquitetura. Mas faz concessão para a política

Os pobres voltarão ao Plano

Este é o novo projeto do "desenhista" Oscar Niemeyer

ILARA VIOTTI
Da Editoria de Cidade

Uma das primeiras atitudes que o deputado José Aparecido tomou depois do dia 9 de maio do ano passado, quando assumiu o governo do Distrito Federal, foi telefonar para seu amigo Oscar Niemeyer para dizer que os tempos em que "lugar de arquiteto comunista era na Rússia" haviam passado. Esta frase foi repetida e chegou muitas vezes aos ouvidos de Niemeyer depois de 1964, quando ele, teimosamente, continuou a produzir projetos para a nova capital do Brasil. Depois de ter recusado os seus projetos para o estádio da cidade e o aeroporto internacional de Brasília, Niemeyer desistiu e foi para a Europa.

Na segunda semana de maio de 85 ele voltou a Brasília, desta vez para retomar o trabalho interrompido pela revolução, que ele jamais menciona, preferindo se referir aos "tempos difíceis" que o País passou a viver então. Niemeyer indicou seu amigo e antigo colaborador, Carlos Magalhães, para a Secretaria de Vição e Obras e se fechou num pequeno gabinete anexo ao do governador, onde um biombo protege sua privacidade e rigidamente ninguém entra sem convite, para cumprir sua rotina de "desenhista",

que é o que ele se considera.

"Abaia do Oscar", que é como Ziraldo chama o gabinete de trabalho de Niemeyer, recebe a visita de seu ocupante pelo menos uma semana a cada mês. Ali ele produziu projetos para as cidades-satélites — a casa do Cantador, creches, casas d'água comunitárias, postos de saúde, pontos de táxi e abrigos de ônibus que hoje têm prioridade sobre as obras do plano piloto. Apesar de ter feito novos projetos para o Museu do Índio, a Biblioteca Nacional e o Panteão da Liberdade e da Democracia, que "dará acabamento à Praça dos Três Poderes", Niemeyer quer reintegrar a população de baixa renda à cidade. Esta — a expulsão dos mais pobres para a periferia — é uma de suas mágoas com relação a Brasília.

"A cidade foi construída às pressas" — diz Oscar Niemeyer, e "muita coisa ficou inacabada ou foi mal arrematada". As colunas do Ministério da Justiça, revestidas em mármore branco, estão sendo retiradas a pedido do arquiteto, que considera "que eram mármore mais adequados para um gabinete sanitário que para um palácio". A Catedral, "o projeto mais importante de Brasília", também será arrematada. A importância da Catedral é explicada pelo próprio

Niemeyer: "Todo mundo que vem a Brasília vai à Catedral sem ter que pedir licença pra isto", e assim está justificado um acabamento correto da obra: "para mostrar o nível da arquitetura da Capital Federal".

Hoje não há mais a pressa dos "cinquenta anos em cinco" de JK. Tanto Niemeyer quanto Lúcio Costa, urbanista que divide com ele as responsabilidades da criação da cidade, têm novos desafios pela frente: integrar Plano Piloto e satélites. Como Lúcio Costa, Niemeyer também projetou um conjunto habitacional para a população de baixa renda, a ser construído ao longo das vias que ligam o centro à periferia. Ele disse que o projeto já está sendo detalhado e é um conjunto de apartamentos todos com a mesma área. Mais detalhes sobre o assunto Niemeyer não quis revelar.

Falar, aliás, é algo de que Oscar Niemeyer não gosta. O governador José Aparecido só o convenceu a conceder a primeira entrevista coletiva no dia 26 de julho do ano passado, três meses e quatro visitas a Brasília depois de reiniciar seu trabalho na capital. Logo no começo do encontro o governador avisou aos repórteres: "Ele é monossilábico, mas vai fazer para vocês um balanço do que vem realizando na cidade".

Surpreendentemente,

Oscar Niemeyer falou como se monossilábico não fosse. Durante meia-hora falou de sua obra, explicou o sentido de sua arquitetura — "quando uma forma cria beleza ela tem na beleza sua própria funcionalidade" — e da constante busca da integração entre a estrutura em concreto e o desenho arquitetônico — "quando as formas de concreto foram retiradas do Congresso nacional ele estava pronto, acabado".

Falou também de sua ausência do Brasil, quando produziu inúmeros edifícios na França e na Itália, na Argélia. "Eles não me queriam aqui e eu fui embora com a minha arquitetura, encontrando apoio em outros lugares" — diz ele. No meio da entrevista, repórteres mudos diante da explanação, Niemeyer interrompeu sua fala: "Eu estou aborrecendo vocês com esta conversa? Não estava. Grande parte dos que ouviam Niemeyer era brasileiro, se não de nascimento, pelo menos de "criação", como se diz daqueles que trocam de naturalidade no Brasil. Ouvir de Niemeyer a explicação do que vivenciamos há tantos anos foi uma experiência interessante, esclarecedora.

Depois deste contato, Niemeyer novamente se fechou, e em suas vindas a

Brasília evitava falar com a imprensa. Esta semana ele novamente falou, mas avisou: "O assunto é só arquitetura". Educado, não se furtou a fazer uma concessão para a política, falando sobre sua candidatura à Constituinte por Brasília: "Em 1945 Luiz Carlos Prestes me convidou para ser candidato a vereador pelo PC e eu recusei. Eu quero ajudar o partido e aceitei este ano ser candidato por Brasília". Mas quando teve que responder a questões mais detalhadas sobre o assunto retrucou: "Eu sou mesmo é um desenhista".

Como toda pessoa que traz a revolução, Niemeyer tem recebido críticas ao seu trabalho em Brasília. Absolutamente tranqüilo quanto a isto, Oscar Niemeyer diz que "Brasília teve muito sucesso e mostrou que é possível fazer uma arquitetura que cria problemas novos, discussões, que é diferente das outras. Quando alguém visita Brasília eu me sinto tranqüilo porque, gostando ou não dos edifícios, não pode dizer que viu coisa igual. Nunca ninguém viu nenhum lugar que tem um Congresso como o de Brasília, nem um palácio feito como os palácios daqui. Isto mostra que há uma preocupação de fazer uma coisa diferente, de marcar a nova capital do Brasil".